



Uivos à beira-mar

A segunda Mesa da FLIP 2007 proporcionou o encontro de duas figuras do underground brasileiro, do âmbito das letras e dos sons

Por Marcos Lauro - marcoshlauro@uol.com.br

João Luis Woerdenbag Filho e Ricardo de Carvalho Duarte têm muito em comum. Além da vivência carioca, são dois artistas que estavam à margem da grande indústria cultural. O primeiro, depois de quase 10 anos de vida independente, lança



um CD por uma grande gravadora, de igualmente grande poder de distribuição. O segundo, acaba de lançar seus textos pela editora Cosac & Naify, reunindo uma história de 36 anos de poesia. Os dois são animais, no bom sentido. Com vocês, Lobão e Chacal.

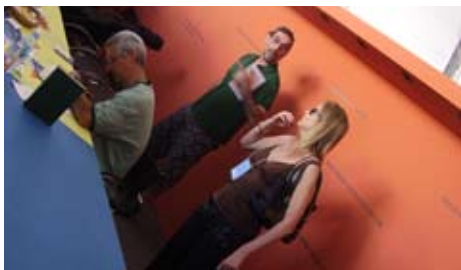
Pela primeira vez na história da FLIP, um componente de uma mesa faz algo além de falar. Lobão, como não podia deixar de ser, levou o violão e interpretou três músicas de seu repertório durante o bate papo. Começou com “Balada

do Inimigo”. Logo depois, apresentou o “Samba da Caixa Preta”, inspirado no “Samba do Avião” de Tom Jobim (“Depois que o Tom morreu e o avião caiu, só sobrou a caixa preta”, explicou) e fechou com “A Vida é Doce” que, segundo ele, em uma entrevista anterior, é o seu maior momento como compositor. Esta última está presente no acústico.

Acústico que motivou a primeira pergunta da platéia. Um incauto bilheteiro questionava: “Lobão, porque essa mudança agora? Depois de tantos

anos enfrentando as gravadoras, lança um acústico?”. Sem titubear, a resposta: “A situação é que está mudando a nosso favor. E não mudei coisa nenhuma. ¡Yo soy Lobón!”. Antes mesmo de vir a mesma pergunta para ele, Chacal já tratou de repondê-la também. “Estamos todos nos nossos papéis. Eu tenho de escrever, a editora tem de editar, a distribuidora tem de distribuir... e assim vai”. E seria maldade demais com os dois, deixa-los de fora da festa, agora que está ficando boa.

Chacal entende bem de mídias alternativas. No começo dos anos 70, reproduzia seus escritos em mimeógrafo. Se você é do tempo das provas da escola que cheiravam à álcool, sabe o que é um mimeógrafo. Foi o seu grupo de poetas que fez com que Lobão



Chacal e Lobão, com sua esposa-empresária, Regina Woerdenbag

tomasse contato com o mundo das letras, intransponível pelo ódio que sua mãe nutria por poesias.

Em plena ditadura militar, era um prazer para Chacal desafiar todo aquele poderio. Naquela época, segundo ele, a mídia alternativa conseguia ressoar suas idéias, mesmo prensada pelos milicos. Ele defende a teoria de que o sistema se assemelhava a um espantalho e, hoje, a um agrotóxico. “Antes, a gente via o sistema, sabia quem era o inimigo. Era um espantalho no meio da plantação. Hoje, está tudo muito diluído. O sistema está infiltrado em todos nós, como um agrotóxico”. O inimigo está aqui do lado. De repente, o inimigo está agora, lendo esse texto. Quem sabe até o escrevendo...

“Paraty me traz ótimas recordações. Vinha para cá com meu grupo de amigos e passávamos dias nas praias. Era o sonho do submarino amarelo. Quando voltávamos ao Rio, dávamos de frente com os caveirões da ditadura”, relembrou Chacal.

Já Lobão, mostra que sua luta contra esse tão falado e odiado “sistema” vem de longe também, do comecinho dos anos 80. “As gravadoras nos compraram como ingênuos. Mas quando a geração 80 começou a se revoltar, com ‘Vida Bandida’, ‘Que País é Esse?’ e ‘Polícia’, trataram de fortalecer o sertanejo e a erotização infantil”. Essa era a estratégia, para desviar a atenção. De forma pop e acessível, bandas como Blitz e o próprio Lobão, já em carreira solo, conseguiam levar algumas mensagens para os mais antenados. Não de forma lírica como nos anos 70, mas sim, de forma mais direta, usando o dia a dia do ouvinte.

Quanto ao fato de se pagar para conseguir o desejado sucesso, Lobão vai mais fundo: “Há uma falência da meritocracia. Se paga para conseguir tudo nesse país, não mais só o sucesso. Por isso, aparecer no Faustão ou fazer um acústico na MTV é, para mim, mais uma forma de driblar o exílio que o sistema atual impõe”.

Na seqüência, um diálogo sobre os independentes, começando por Lobão:

- O mercado independente corre o risco de falar para si próprio, como acontece com

o Hip-Hop de hoje, que está preso no seu gueto.

- Mas o gueto do Hip-Hop é composto por milhões de jovens. Isso o torna grande.

- Sim, mas é fechado. Quando você propõe um evento para os caras, eles torcem o nariz.

Às vezes penso que isso pode ocorrer com o próprio jornalismo cultural do nosso país. Atualmente, quem se interessa por jornalismo cultural, de alto nível? Dá a impressão que se escreve para os próprios jornalistas lerem, não chega no público. Ou o público é fechado demais para receber determinados tipos de informação. Enfim, reflexões para a cama, mais tarde.

Chacal apresentou seus poemas. Mesmo sem acompanhamento de qualquer instrumento, seu textos geram música em nossos ouvidos. Lidos com o prazer que ele demonstrou então, estava quase para um grande concerto. Um bilhete da platéia disse: “Chacal, às vezes dá a impressão de que você está criando o poema na hora, ao dizê-lo”. Pois é, quando se faz o que gosta e o que se sabe fazer, fica essa impressão mesmo. Tudo flui.

E que os uivos continuem ecoando Brasil a fora.

